

Língua de Sinais e Interações: O Que Dizem os Professores Surdos

Sign Language and Interactions: What Deaf Teachers Say

Nadjanara Ana Basso Morás*

*Escola Bilíngue para Surdos Lucas Silveira, Cascavel - PR, 85819-170, e-mail: nadjanara_moras@hotmail.com

Vanessa Lucena Camargo de Almeida Klaus**

**Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Cascavel - PR, 85819-170, e-mail: vanessa.almeida3@unioeste.br

Andreia Nakamura Bondezan***

***Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Cascavel - PR, 85819-170, e-mail: andreiabondezan76@gmail.com

Resumo: O objetivo desta pesquisa foi compreender a importância da língua de sinais na vida dos professores surdos da Cidade de Foz do Iguaçu-Pr. Participaram deste estudo cinco professores surdos que trabalham em uma Escola Bilíngue para Surdos. Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas com a utilização da Língua Brasileira de Sinais (Libras). As análises dos dados foram realizadas a partir de três categorias: a aprendizagem da Libras; a relevância da família; e a possibilidade de participação social. Como referencial teórico utilizamos a abordagem histórico-cultural que compreende a relevância da linguagem para o desenvolvimento humano, tendo por estudiosos da educação do surdo Ferreira – Brito (1990), Karnopp (1994; 1999), Quadros (1997; 2017) e outros. Concluímos que a Libras deve ser a primeira língua das crianças surdas para o desenvolvimento e constituição do seu ser em sociedade, portanto imprescindível aprendizagem dessa língua. Ainda, averiguamos que para uma boa apropriação da Libras, sem demasiados problemas no domínio da gramática, é preciso que a aprendizagem dessa língua não ocorra após os cinco anos de idade.

Palavras-Chave: Surdez. Língua de Sinais. Sociedade.

Abstract: This research is aimed to understand the importance of sign language in the deaf teachers' lives from Foz do Iguaçu city. Five deaf teachers who work at a Bilingual School for Deaf Students participated in this study. For data collection, semi-structured interviews were conducted using the Brazilian Sign Language (Libras). The data analyzes were performed from three categories: the Libras learning process; the relevance of the family and the possibility of social participation. As a theoretical framework, we use the historical-cultural approach that understands the relevance of languages for human development, such as specialists in deaf education Ferreira - Brito (1990), Karnopp (1994; 1999), Quadros (1997; 2017) and others. We conclude that Libras must be the first language of deaf children for the development and constitution of their being in society, therefore the learning of Libras is essential. Also, we find that for a good appropriation of Libras, without many grammar problems, it is necessary that the learning of this language does not occur after the age of five.

Keywords: Deafness. Sign language. Society.

INTRODUÇÃO

A língua brasileira de sinais - Libras foi reconhecida como a segunda língua oficial do Brasil pela lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. De acordo com esta Lei a Libras é um meio legal de comunicação e expressão, é uma língua de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do país. O projeto de Lei atendeu a reivindicação da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis), instituição dedicada à causa das pessoas surdas, como parte da luta pelo reconhecimento e definitiva implantação da Libras.

A educação da pessoa surda traz muitas dúvidas para a família, de pais ouvintes ou não ouvintes, e para a sociedade em geral. Por exemplo, incertezas podem estar relacionadas à comunicação dos surdos. Será que a Língua Brasileira de Sinais – a Libras, é importante para a criança surda? Como a Libras pode impactar no preparo da pessoa surda para vida em sociedade? Diante de tais questões, a fim de compreendermos a importância da Libras na vida social do surdo, realizamos esta pesquisa no intuito de contribuir com o debate acerca da aquisição da língua de sinais para as crianças surdas.

Compreendemos que é preciso dar voz aos sujeitos surdos, conhecer suas histórias, suas conquistas e seus anseios. Por isso, realizamos esta pesquisa com a participação dos professores surdos da cidade de Foz do Iguaçu, no estado do Paraná. Uma das principais ações educativas desses profissionais é a inserção da Libras no ensino de conteúdos disciplinares como a primeira língua que visa a comunicação das ideias, procurando assim estabelecer relações sociais, dentre essas o desenvolvimento da aprendizagem da criança surda e a promoção de sua constituição como sujeito ativo perante a sociedade.

Este artigo apresenta primeiramente os procedimentos metodológicos da pesquisa e, em seguida, traz uma análise dos depoimentos dos participantes.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Realizamos a pesquisa por meio de entrevista semiestruturada com professores surdos de uma Escola Bilíngue para Surdos¹ da Cidade de Foz do Iguaçu-Paraná. Buscamos, após a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido aprovado pelo Comitê de Ética², Parecer n° 2.922.416, dialogar de maneira espontânea com os entrevistados por meio de algumas perguntas já definidas, o que não impedia o surgimento de outras no decorrer do processo investigativo.

As entrevistas aconteceram em uma das salas de aula da Escola Bilíngue para Surdos. As perguntas foram efetuadas em Libras pela primeira autora desse trabalho. Importa esclarecer que, como esta pesquisa envolveu duas línguas, uma espaço-visual e outra oral-auditiva, as entrevistas foram gravadas em vídeo e depois foram a transcritas e a retextualizadas³. Em seguida à retextualização, solicitamos aos entrevistados que lessem as entrevistas a fim de garantir a veracidade das respostas.

As entrevistas foram empreendidas no final do mês de março de 2019. Salientamos, ainda, que no momento da entrevista só permaneceram na sala a pesquisadora e a pessoa entrevistada, de modo a preservar o anonimato.

Os professores foram nomeados em professor 1 (P1), professor 2 (P2), professor 3 (P3), professor 4 (P4) e professor 5 (P5). Além disso, as questões que nortearam a condução das entrevistas, envolveram formação profissional, história de vida, interação e aprendizagem da Libras, sendo elas: Como e quando descobriram a surdez? Tentaram oralizar? Qual foi o resultado? Quando teve o primeiro contato com a Libras? Mudou alguma coisa? O quê? Como foi a relação com a escola? Regular? Bilíngue? O que pensa sobre a inclusão escolar? Tem contato com outros surdos? Como? Desde quando? Como é a interação com a família? Sempre foi assim? Alguém sabe sinais? Sinais caseiros utilizados em algum momento? Que tipos de assuntos são conversados entre o surdo e os membros da família? Qualquer assunto? (emoções, sentimentos, necessidades básicas, narrativas, lembranças etc.). Interação com as pessoas da

¹ No estado do Paraná, de acordo com a Instrução n° 10/2018–SUED/SEED, “as escolas de Educação Básica Bilíngues para Surdos destinam-se à oferta de escolarização para estudantes surdos e deficientes auditivos” (PARANÁ, 2018, p. 2).

² Para mais informações, disponível em: <https://www5.unioeste.br/portaunioeste/cascavel/setores/demais-setores/comite-de-etica/documentos-e-formularios>. Acesso em: 04 set. 2019.

³ Neste trabalho, partimos do entendimento de que retextualização significa um processo de transformação do texto transcrito da Libras para o texto escrito conforme as regras gramaticas da língua Portuguesa.

sociedade em geral. Trabalho, assuntos cotidiano. Também deixamos um espaço livre para falarem da vida, contarem alguma história alegre ou triste.

As análises foram realizadas a partir de três categorias: a aprendizagem da Libras; a relevância da família no processo de aprendizagem da língua de sinais e; a possibilidade de participação social. Como referencial teórico utilizamos a abordagem histórico-cultural que compreende a relevância da linguagem⁴ para o desenvolvimento humano e estudiosos da educação do surdo como Quadros (1997; 2017); Ferreira-Brito (1990), Karnopp (1994, 1999), dentre outros.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Na história da educação dos surdos podemos encontrar, segundo Goldfeld (2002), uma trajetória em que a exclusão e a não aceitação do diferente sempre esteve presente. De acordo com este autor, no decorrer da história, os surdos eram abandonados em praça pública, mortos, separados do convívio social. Na era cristã, por exemplo, foram considerados pessoas demoniadas, não aceitas como pessoas que possuem uma língua e uma cultura própria. Somente no século XVIII, o educador Charles-Michel de L'Épée, contribuiu para encorajar novas perspectivas sobre as possibilidades de aprendizado do surdo, utilizando como meio os sinais.

No século XIX, no Congresso Internacional de Professores de Surdos em Milão (1880), a tendência oralista por influência do cientista Alexander Graham Bell (1847–1922), passou a ser adotada mundialmente na educação dos surdos, a qual teve como objetivo proibir a língua de sinais e a defesa da língua oral, causando um retrocesso para a cultura surda.

A partir das pesquisas desenvolvidas por William Stokoe, estudioso da American Sign Language (ASL), na década de 1960, as línguas de sinais receberam o *status* de língua e inúmeras pesquisas subsequentes sobre as línguas de sinais foram empreendidas. Como exemplo podemos citar estudos de linguistas americanos Battison

⁴ Entende-se por “linguagem um sistema de códigos por meio dos quais são designados os objetos do mundo exterior, suas ações, qualidades, relações entre eles, etc.” (LURIA, 1991, p. 78). De acordo com Luria (1991) o desenvolvimento da linguagem traz três mudanças essenciais para a atividade consciente do homem: 1. permite lidar com os objetos mesmo na ausência deles; 2. assegura o processo de generalização e abstração e, 3. possibilita a transmissão de informações produzidas pela humanidade.

(1974), Klima e Bellugi (1979), e brasileiros Ferreira-Brito (1990), Karnopp (1994) e Quadros (1997).

Para compreendermos a relevância da aprendizagem da língua de sinais para a educação da pessoa surda e sua participação social, esta pesquisa contou com a participação de cinco professores surdos da Escola Bilíngue para Surdos da Cidade de Foz do Iguaçu⁵, cujas características estão organizadas no Quadro 1.

Quadro 1. Características dos participantes

Professor	Idade	Sexo	Estado Civil	Escolarização
P1	44 anos	Masculino	Casado	Ensino Médio completo.
P2	37 anos	Masculino	Casado	Graduação em Educação Física e Especialização em Educação Especial.
P3	27 anos	Masculino	Solteiro	Graduação em Psicologia e em Letras/Libras e Especialização em Educação Especial.
P4	29 anos	Feminino	Solteira	Curso Superior completo.
P5	39 anos	Feminino	Casada	Curso Normal Superior e Especialização em Educação Especial.

Fonte: Produzido pelas autoras.

No Quadro 1 observamos a participação de três homens e duas mulheres com idades entre 27 e 44 anos. Somente um dos professores não possui graduação e três possuem especialização em Educação Especial.

Averiguamos das entrevistas feita que todos os participantes aprenderam a Libras depois dos 8 anos de idade. Os professores com mais de 30 anos, mesmo estudando em escola para surdos, participaram do oralismo, no qual era proibido a utilização de qualquer sinal na comunicação.

Naquela época a escola adotava a filosofia Oralista, não podíamos usar sinais, Libras (P1).

Minha família mudou-se para Foz do Iguaçu em 1993. No mesmo ano comecei a estudar na Escola Bilíngue para Surdos Lucas Silveira⁶. Nesta época a escola adotava a proposta Oralista, cobravam muito dos alunos (P2).

⁵ Dos seis professores surdos da instituição, que também é total de professores surdos da Educação Básica na cidade de Foz do Iguaçu, apenas um não quis participar das entrevistas.

⁶ Atualmente esta instituição de ensino é denominada como Escola Bilíngue para Surdos e contempla uma proposta de educação bilíngue para surdos, mas importa esclarecer no decorrer de sua história já possuiu outros nomes e outras propostas educacionais como: Centro de Reabilitação para surdo, com uma filosofia educacional oralista.

Estudei na Escola Bilíngue para Surdos Lucas Silveira na época do oralismo (P5).

Os professores relataram como o oralismo era a proposta daquela época, sinalizando em seus depoimentos que era feita sem escolha e sob uma forma de imposição. Assim, na escola especializada em Foz do Iguaçu, até o ano de 1994, era proibida a utilização da língua de sinais no ambiente escolar no período diurno. Somente em 1995, se iniciou a permissão da aprendizagem e do ensino da língua de sinais na escola estudada.

No começo a escola adotava a filosofia Oralista, não podíamos fazer sinais. Quando fiquei adulto, comecei a estudar à noite, participar em campeonatos. À noite, podíamos usar sinais. Até mais ou menos 1995 durante o dia era proibido o uso de sinais. Neste ano a diretora me convidou para ser professor de língua de sinais. A questioneei por que tinha me escolhido. Conversou bastante comigo, e explicou porque eu era bom e simpático. No ano de 1996, viajei para Curitiba para fazer vários cursos. Apreendi metodologias de ensino da língua de sinais e tive contato com outros surdos. Voltei e repassei tudo que aprendi para professores e alunos surdos (P1).

O primeiro professor (P1) de Libras da Cidade de Foz do Iguaçu, participante desta pesquisa, destaca que em 1996 fez o curso em Curitiba e compartilhou seus conhecimentos com alunos e professores da escola.

No Brasil, a visão de normalização dos surdos segundo a tendência oralista, foi superada somente após o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamentou a Lei no nº 10.436, de 24 de abril de 2002, o qual dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras), que a comunidade surda conseguiu ser reconhecida como minoria linguística, visto que,

Art. 2º Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras (BRASIL, 2005, p. 1).

Dessa forma, os surdos atravessaram um caminho de enfrentamentos até serem aceitos como uma minoria linguística, conforme o decreto mencionado.

Outro aspecto que merece ser discutido é a aprendizagem tardia da Libras. Nenhum dos professores pesquisados aprendeu a Libras na primeira infância, como

ocorre a aprendizagem da criança ouvinte de sua primeira língua (oral). Os participantes relataram que tiveram a aprendizagem da língua de sinais entre os 8 e 16 anos.

Meu primeiro contato com a Libras foi na Escola Bilíngue para Surdos Lucas Silveira, quando tinha 8 anos. Aprendi rapidinho a língua de sinais junto com os surdos (P4).

Foi quando comecei a trabalhar na Escola Bilíngue para Surdos Lucas Silveira. Quando cheguei aqui para trabalhar, todos usavam Libras. Nunca tinha visto. Em contato com os surdos aprendi a língua de sinais. Tinha 16 anos (P5).

Sobre o depoimento tardio da aquisição da língua, salientamos que esta traz dificuldades para a interação do surdo e a aprendizagem de conhecimentos científicos. No Brasil, pesquisas sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a aquisição estão sendo feitas por Ferreira-Brito (1990), Karnopp (1994, 1999) e Quadros (1997). Segundo estas autoras o processo de aquisição da Libras é igual ao processo de aquisição de línguas orais-auditivas, ou seja, obedecendo a maturação da criança que vai internalizando a língua a partir do mais simples para o mais complexo.

Vygotsky (1977) constata em seus estudos com surdos, que a criança surda deve adquirir a linguagem da mesma forma que os ouvintes, seguindo as mesmas etapas. Ainda alertou que é necessária uma revisão em relação aos diferentes tipos de linguagem utilizada pelos surdos. Nesse sentido, o contato com a língua natural, o convívio com seus pares e pela necessidade intrínseca de interação social com seus modelos adultos é que a criança surda poderá desenvolver a língua e o pensamento, assim possibilitando um desenvolvimento pleno.

Conforme Quadros (1997) a aquisição da língua por crianças surdas passa pelos seguintes estágios: pré-linguístico; palavra; primeiras combinações e; múltiplas combinações.

O estágio pré-linguístico que se estende do nascimento ao início dos primeiros sinais, sendo o balbucio uma manifestação que ocorre tanto em bebês surdos e ouvintes. Como consequência da capacidade para a comunicação é constatado que tal capacidade manifesta-se não só por meio de sons, mas também de sinais.

Nos bebês surdos são detectadas duas formas de balbucio, quais sejam: manual silábica e a gesticulação. O balbucio manual silábico apresenta combinações que fazem parte do sistema linguístico da língua de sinais, já a gesticulação não apresenta organização interna.

Os pesquisadores Stokoe (1960), Ferreira-Brito (1990), Quadros (1997) reconhecem que as crianças surdas balbuciam (oralmente) até um determinado período e este desenvolvimento (oral e manual) é paralelo nas crianças surdas e ouvintes. As vocalizações são interrompidas nos bebês surdos assim como as produções manuais são nos bebês ouvintes, pois o *input* favorece o desenvolvimento de um dos modos de balbuciar.

Os estímulos visuais são importantes para que o bebê avance no desenvolvimento da língua. A interação entre o bebê e a mãe, no processo de aquisição da língua, salienta as principais diferenças do comportamento linguístico entre mães surdas e mães ouvintes na comunicação/ interação com suas crianças no primeiro ano de vida.

Mães surdas misturam vocalizações e sinais mesmo quando o bebê é surdo, mas esse *input* apresenta variações de acordo com as diferentes fases do desenvolvimento da criança, à medida que a criança vai aumentando o repertório produtivo, a mãe surda começa a usar mais sinais e a utilizar mais estratégias específicas de atenção visual.

No segundo estágio, estágio de uma palavra, a criança surda começa a nomear as coisas, aprende a unir o sinal ao objeto, produzindo suas primeiras palavras. Segundo Quadros (1997) como as crianças ouvintes que ainda não pronunciam corretamente as palavras nesta fase, as crianças surdas também fazem os sinais com erros nos parâmetros, por exemplo, podem trocar a configuração das mãos ou o ponto de articulação, mas o adulto compreende que ela produziu um sinal na língua.

Nesse estágio, a criança surda aponta para si e para os outros, buscando relacionar o substantivo a uma das três pessoas do discurso, ou pretendendo indicar a posse de um objeto ou sua localização. Consequentemente, nesse período, acontece a passagem do apontar não linguístico para o apontar linguístico, ou seja, a utilização dos pronomes de maneira consciente e não simplesmente um apontar para aleatório.

No estágio seguinte, das primeiras combinações, que se inicia a partir dos dois anos e meio, a criança surda começa a produzir frases de duas palavras, iniciando uma sintaxe, mas ainda as palavras são usadas sem flexão e concordância à ordem das palavras constituirá sua primeira sintaxe.

Quadros (1997) enfatiza que a partir desta fase a criança surda começa a adquirir a morfologia de uma língua de sinais, a aquisição de subsistemas morfológicos mais complexos continua até aos cinco anos, quando também já produzirá frases gramaticais maiores e mais complexas.

O primeiro subsistema mais complexo que adquire é a concordância verbal. Como se pode compreender, a partir, de alguns aspectos o processo de aprendizagem de uma língua de sinais é semelhante ao processo de aquisição de qualquer língua e quanto mais cedo uma criança surda entrar nesse processo, mais natural será.

Já no estágio de múltiplas combinações, Quadros (1997, p. 74) anuncia que as crianças surdas apresentam a chamada “explosão de vocabulário”, e o domínio completo dos recursos morfológicos da língua é adquirido por volta dos cinco anos.

De acordo com a entrevista realizada, pudemos perceber que, mesmo não sendo aprendida desde a infância, a Libras teve um papel decisivo no desenvolvimento dos professores pesquisados.

Reprovei várias vezes na escola regular. Na Escola Bilíngue para Surdos Lucas Silveira, bem melhor! Por meio da língua de sinais aprendi muito. Na escola regular fiquei parado, não conseguia aprender para passar de ano. Reprovei várias vezes, até ficar grande (P1).

Encontrávamo-nos para brincar e a via fazendo sinais e fui aprendendo. Com o passar do tempo fiquei fluente em Libras. Ela me ajudou muito com a Libras, me ajudou a evoluir como pessoa (P3).

Quando as crianças surdas são filhas de pais ouvintes, na maioria das vezes, não são expostas as línguas de sinais e, neste contexto, desenvolvem sistemas de comunicação gestuais inventados e acabam demorando para ter contato com a língua de sinais. Esta deveria ser sua língua natural, ou seja, sua primeira língua.

Sendo a língua de sinais a língua natural do surdo, o seu aprendizado tem um período crítico, ou seja, um período ideal para aquisição da língua. Segundo Quadros (1997) quando esta aquisição se dá após os cinco anos de idade haverá dificuldade no domínio da gramática, isto tanto para ouvintes como para surdos. Também de acordo com Lenneberg (1967) após este período crítico a aquisição da língua torna-se deficiente, e dependendo do caso, até impossível de ser adquirida.

Desta forma, as línguas de sinais tendo um período crítico para sua aquisição às crianças surdas estão perdendo anos essenciais para seu desenvolvimento, já que estão iniciando tarde os seus estudos e, conseqüentemente, tendo contato com a sua língua natural tardiamente.

Por isso, é extremamente importante que a família da criança surda aprenda o quanto antes a língua de sinais para propiciar este aprendizado a seu filho surdo e permitir pleno seu desenvolvimento.

Também a aceitação e a relação com as pessoas da família são de grande valia. Ao aprender Libras a família se abre para a participação plena e interação entre seus membros e esta não é a história de todos os professores estudados.

Desde que nasci minha família só usou a oralidade para falar comigo. Quando minha mãe percebeu que eu estava desenvolvendo com a língua de sinais, ela começou a estudar um pouco. Sabe um pouquinho. Aprendeu tendo contato com meus amigos surdos que vão à minha casa. Meu pai e meu irmão não sabem nada de língua de sinais. Só usam a oralidade (P3).

No começo a minha família só fazia gestos ou apontam com o dedo. Depois que me formei na faculdade, eles perceberam que precisam me respeitar mais. Agora sabem mais Libras. Minha filha é fluente em Libras (P4).

Agora com minha família tenho comunicação, meus filhos sabem sinais e sabem Português. Eles ajudam explicam, fazem a tradução do Português para língua de sinais. Aprenderam muito rápido. Não tenho problema (P2).

A família ouvinte pode, em grande medida, colaborar para que sejam amenizados os déficits produzidos pela aprendizagem tardia da língua de sinais, auxiliando na comunicação diária, expondo exemplos, explicando o contexto de diferentes conceitos.

Mas será que a língua de sinais possibilita ao surdo a aprendizagem dos conhecimentos científicos e o desenvolvimento como a língua oral? Vale ressaltar as ideias de Goldfeld (1997) a respeito dos estudos de Vygotsky e suas aplicações no desenvolvimento de crianças surdas. A pesquisadora considera que voltado à criança surda com atraso de linguagem, surgem questionamentos sobre seus pensamentos, se existe realmente o desenvolvimento das falas egocêntricas e interior, que possibilite o encontro entre pensamento e linguagem, e se a linguagem consegue cumprir suas funções na comunicação, organização e planejamento das funções mentais superiores.

Salienta a autora, que as crianças surdas, mesmo aquelas que não são expostas à língua de sinais e não recebem nenhum tratamento fonoaudiológico para adquirir a língua oral, adquirem alguma forma rudimentar de linguagem, simbolizam e conceituam, pois convivem socialmente, interagem e se comunicam de alguma forma. O

que acontece é que por não terem acesso a uma língua estruturada, com status linguístico a qualidade e quantidade de informações e assuntos abordados são inferiores aqueles que os sujeitos ouvintes na maioria têm.

Como se pode perceber nos estudos dos americanos Stokoe (1960), Battison (1974), Klima e Bellugi (1979), e dos brasileiros Ferreira-Brito (1990), e Quadros e Karnopp (2004) a língua de sinais é altamente estruturada e complexa como qualquer língua falada. De acordo com estes linguistas é possível evidenciar algumas diferenças e semelhanças entre a língua oral e a língua de sinais.

Entre algumas diferenças, está na forma de se comunicarem. Na língua de sinais que é uma língua de modalidade gestual-visual que utiliza, como meio de comunicação, movimentos referentes a gestos e expressões faciais que são percebidos pela visão, já na língua oral que é uma modalidade oral-auditiva, que utiliza sons articulados que são percebidos pelos ouvidos.

Outra diferença é o que é denominado de palavras nas línguas orais-auditivas é denominado sinais nas línguas de sinais. As línguas de sinais e orais, apresentam semelhanças como na sua estrutura gramatical. Ambas são estruturadas a partir de unidades mínimas que formam unidades mais complexas, ou seja, todas possuem os seguintes níveis linguísticos: o fonológico, o morfológico, o sintático e o semântico.

Diferem-se na forma como as combinações das unidades são construídas. A língua oral é linear já a língua de sinais é simultânea, segundo Ferreira-Brito e Wilcox e Wilcox (apud GESSER, 2009, p.19) “a explicação para essa diferença primária se dá devido ao canal de comunicação em cada língua se estrutura (visual-gestual x vocal-auditivo), pois essas características ficam mais salientes em uma língua do que em outra”.

As línguas de sinais adquiriram o status linguístico através dos estudos de Stokoe, nos anos de 1960, e através de estudos são consideradas línguas naturais uma vez que são organizadas no hemisfério esquerdo do cérebro da mesma forma que as línguas orais. Desta forma, as línguas de sinais ao contrário que muitos pensam têm estrutura e função semelhantes às demais línguas, vinculados por um sistema que utiliza um meio sensorial diferente.

Por meio da aprendizagem e utilização da língua de sinais, os professores pesquisados destacaram a participação social; a aquisição de conhecimentos e; possibilidade de ter um trabalho digno.

No passado era ruim. Hoje, sou casado, tenho minha família. Está tudo mais fácil, sou feliz! Tem mais acessibilidade, tenho meus filhos que ajudam com a comunicação. É mais fácil. Não tenho problemas. Prefiro nem falar do passado, sofri muito (P2).

Percebo que a minha vida mudou, pertencço a dois grupos, um dos ouvintes e outro dos surdos. Grupo dos surdos a língua de sinais é muito importante para o desenvolvimento. Grupo dos ouvintes, o importante é mostrar que o surdo é normal, para os surdos serem aceitos. Exemplo, se um chefe de uma empresa conhece o surdo, ele vai dar emprego para ele. Esse contato com os ouvintes é importante também para namorar, trocar experiências. Penso que os dois grupos tem o mesmo valor, só são diferentes (P3).

Entendemos a grande relevância da aprendizagem da Libras para o sucesso na vida dos professores participantes, no entanto, ainda há muitos desafios a serem enfrentados. Os surdos passaram e ainda passam por dificuldades na comunicação, conforme os depoimentos dos professores P1, P4 e P5, exclusão dentro da própria família e na sociedade em geral.

Ainda há pouca acessibilidade para os surdos. Poucas pessoas sabem a língua de sinais. Hoje, a figura do intérprete é muito importante para os surdos (P4).

Mas ainda falta. Por exemplo, para irmos ao médico precisamos de intérprete. Não são todas as pessoas que sabem língua de sinais. No futuro não sei como vai ser, só Deus sabe se vai mudar. Acho que a língua de sinais vai ser mais valorizada (P1).

Ainda falta acessibilidade para os surdos. Não são todos os lugares que tem intérpretes. Tem muitas barreiras para serem superadas. Muitas vezes preciso escrever para me comunicar. Exemplo, quando vou ao médico, não tem intérprete. Preciso chegar avisar que sou surda e pedem para esperar, até atenderem. Às vezes minha irmã vai junto para ajudar (P5).

Apesar das manifestações dos professores investigados ainda sinalizar na contemporaneidade a falta de preocupação, interesse e considerações com relação as suas necessidades culturais para a sobrevivência em sociedade, não podemos negar avanços no que diz respeito à língua de sinais, o respeito ao surdo, e a socialização de conhecimentos acerca da sua cultura e suas especificidades. Mas há muito ainda para que todos os direitos conquistados sejam uma realidade, a título de exemplo, a contratação de Tradutores e Interprete de Libras (TILS) nas repartições públicas, nas escolas; acesso a todas as informações veiculadas; e empatia quanto ao modo de ser dos surdos e sua constituição em sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua de sinais deve ser a língua primeira do surdo. Averiguamos por meio da revisão de literatura que a Libras é fundamental para o aprender das crianças surdas, portanto, a valorização e sua aprendizagem são imprescindíveis. Além disso, estudos como os de Lenneberg (1967) e Quadros (1997), mostram que ao ter o diagnóstico de surdez na criança o ideal é que ela adquira o quanto antes a língua de sinais, respeitando o período crítico para a sua apropriação para, assim como a criança ouvinte, não perca as possibilidades de mediação e desenvolvimento.

Foi possível compreendermos com este estudo como oralismo foi imposto para os participantes da pesquisa e como a aquisição da Libras proporcionou grande desenvolvimento aos mesmos. Também identificamos a necessidade da participação da família por meio dos depoimentos dos professores surdos. A aprendizagem da língua de sinais tem grande significado para a criança surda. É na vida familiar, com a utilização da língua de sinais, que serão efetivados os laços afetivos, as trocas e experiências e a construção de novos conhecimentos.

A visibilidade dos surdos como sujeito de direitos e possuidores de língua e cultura próprias, possibilita seu contato com mundo e busca para que esses direitos sejam cumpridos. Assim, destacamos a necessidade de políticas públicas para que as especificidades do surdo sejam atendidas, como a contratação de TILS, a formação de professores, e profissionais outros, sob uma perspectiva de inclusão, visando princípios como o respeito, solidariedade, empatia e comunicação (conhecimento e apropriação da língua de sinais).

REFERÊNCIAS

- BATTISON, Robbin. *Lexical borrowing in American Sign language*. Silver Spring, MD: Linstok Press, 1974.
- BRASIL. Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. *Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências*. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF. 2002.
- BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. *Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000*. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 2005.

- FERREIRA-BRITO, Lucinda. *Uma abordagem fonológica dos sinais da LSB*. Espaço Informativo técnico-científico do INES, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 20-43, 1990.
- GESSER, Audrei. *LIBRAS? que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola, 2009.
- GOLDFELD, Marcia. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva socio-interacionista*. São Paulo: Plexus Editora, 2002.
- KARNOPP, Lodenir Becker. *Aquisição do parâmetro configuração de mão na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS): estudo sobre quatro crianças surdas, filhas de pais surdos*. Porto Alegre, PUC: Dissertação de Mestrado, 1994.
- KARNOPP, Lodenir Becker. *Aquisição Fonológica na Língua Brasileira de Sinais: estudo longitudinal de uma criança surda*. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
- KLIMA, Edward; BELLUGI, Ursula. *The signs of language*. Cambridge, MA: Harvard University, 1979.
- LENNEBERG, Eric Heinz. *Biological foundations of language*. New York: John Wiley & Sons, 1967.
- LURIA, Alexander Romanovich. *Curso de Psicologia geral*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A. 1991.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação/ Superintendência da Educação. *Instrução nº 10/2018 – SUED/SEED*. Estabelece critérios para a organização das Escolas Bilíngues para Surdos no Sistema Estadual de Ensino. Paraná, 2018. Disponível em:<http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/instrucoes/2018/instrucao_102018.pdf> Acesso em: ago. 2019.
- QUADROS, Ronice Müller de. *Educação de Surdos: A aquisição da Linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- QUADROS, Ronice Müller de. *Língua de herança: língua brasileira de sinais*. Porto Alegre: Penso, 2017.
- STOKOE, William. *Sign and Culture: A Reader for Students of American Sign Language*. Listok Press, Silver Spring, MD, 1960.
- VYGOTSKY, Lev Semyonovich. *Obras completas: fundamentos de defectologia*. Havana: Editorial Pueblo y Educación. 1977.

Data de recebimento: 20/11/2019

Data de aprovação: 29/01/2020